

O Ensino da Composição Musical na Era do Ecletismo

por Antônio Carlos Borges Cunha

Introdução

Como professor do Departamento de Música do Instituto de Artes da UFRGS, um dos assuntos que mais tem nos preocupado é o ensino de composição musical na era do ecletismo estilístico, estético e técnico dos dias de hoje (infinitas possibilidades e opções). O relato e reflexões que fazemos a seguir estão fundamentados na nossa experiência como orientador de alunos de composição, principalmente no curso de graduação.

Observamos que o interesse pelos cursos de composição musical cresce de maneira significativa, tanto que a cada vestibular temos um número cada vez maior de inscritos. Nos últimos anos, surgem mais alunos de composição do que de piano, que sempre foi o curso de música mais procurado. Observamos também que no curso de pós-graduação, as inscrições para a seleção de mestrandos e doutorandos está aumentando significativamente.

Apesar da demanda pelos cursos de composição musical e da problemática da formação do compositor, diante das inúmeras possibilidades e opções da música pós-moderna, podemos dizer que há escassez de procedimentos didáticos nesta área, bem como pouco

se tem feito para atualizar os currículos e diretrizes do curso de composição. Com quais pontos estamos preocupados?

Podemos afirmar que a problemática do ensino da composição, atualmente, está centrada em três pontos principais:

1º Ecletismo estilístico e técnico que tem se manifestado de múltiplas maneiras na música pós-moderna.

2º Perfil dos alunos, ou seja, o nível de conhecimento, experiência musical e consciência histórica dos que ingressam nos cursos de bacharelado em composição.

3º Currículo e diretrizes dos cursos de composição.

Ecletismo estilístico, estético e técnico

Como orientar alunos de graduação diante das inúmeras possibilidades sonoras, técnicas, estilísticas e estéticas da música atual?

Durante os séculos XVII, XVIII e XIX, a criação musical no ocidente estava fundamentada na common practice. Todos os compositores praticavam um único sistema musical fundamentado na harmonia tonal, contraponto tonal, formas discursivas, utilizando os mesmos meios, voz e instrumentos acústicos.

A música do século XX passou pelas mais radicais transformações marcadas por:

- prática de diversos sistemas musicais e múltiplos princípios de organização;
- enriquecimento ilimitado do material sonoro;
- influências estéticas, e técnicas de outras culturas musicais não-européias.

Até, aproximadamente os anos 70, a música do século XX foi marcada por posturas antagônicas separatistas, ou seja, por atitudes predominantemente exclusivistas. Os estudantes de composição, de alguma forma, se filiavam a escolas e correntes estéticas específicas (com características predominantemente exclusivistas). Assim, a escolha do professor representava uma certa definição da linha estética do jovem compositor.

Citando exemplos:

Quem optasse a estudar com Schoenberg, certamente estaria interessado em assimilar as pesquisas de Schoenberg. Os alunos de Hindemith aprendiam a ser "pequenos" Hindemith. Os jovens participantes dos cursos de férias em Damstadt estavam interessados em uma estética específica que, de alguma forma pretendia se disvincular da tradição. Os alunos de Stockhausen assimilavam as técnicas e os preceitos estéticos de seu mestre.

Nos Estados Unidos, na década de 20, os compositores da linha conservadora (neo-clássicos) iam para a França, especialmente para estudar com Nadia Boulanger. Entre eles, Aaron Copland, Walter Piston, Virgil Thomson, Elliott Carter. Os da linha experimental buscavam a orientação de Carl Ruggles, Charles Seeger, Henry Cowell, defensor da "ultramodern" music of American (John Cage, Ruth Crawford).

No Brasil tivemos o separatismo entre uma postura nacionalista, liderada por Guarnieri; e outra, Universalista, liderada por Koellreutter.

Assim, o ensino da composição estava vinculado diretamente ao posicionamento estético do professor. O mestre exercia o papel de mentor intelectual, orientando seus discípulos conforme suas convicções ideológicas e estéticas, que eram, predominantemente, de cunho separatista e exclusivista.

Nas últimas décadas, principalmente a partir dos anos 80, tivemos uma espécie de contra-revolução marcada por atitudes inclusivistas e integradoras, em que tudo é possível, principalmente a "incoerência". A música pós-moderna do final do século XX está caracterizada não por um estilo predominante ou por conflitos de estilos, mas sim pela integração eclética de múltiplas possibilidades, através da justaposição e superposição de valores antagônicos. Isso resulta na indefinição de uma linguagem musical comum, na indefinição estilística, na indefinição de gêneros. O ecletismo da música atual é causado por atitudes paradoxais, individuais e fragmentadas. Assim, esta é uma época de múltiplas práticas composicionais, que privilegia o individualismo e liberta o jovem compositor do compromisso de se filiar a estéticas delimitadas ou às chamadas escolas de composição.

Certamente este é um momento favorável para o compositor com sólida formação técnica e consciência histórica, que poderá enriquecer suas possibilidades de criação e interesses individuais através de atitudes integradoras e paradoxais conscientes. Pela primeira vez na história, temos à nossa disposição, através da tecnologia, todos os sons possíveis, bem como o acesso a diversas culturas e sistemas musicais. Entretanto, um dos dilemas do compositor de hoje é a definição de seu framework, a definição dos limites para o seu trabalho, envolvendo duas questões principais: o que fazer, e como fazer. A limitação é, sem dúvida, uma resistência necessária, um estímulo e uma necessidade para a criação.

Como professores de composição, temos o dever de superar nossos preconceitos referentes aos critérios de valor e "desvalor" de uma composição musical. Não mais podemos orientar alunos com base nos nossos valores estéticos e interesses individuais.

Como orientá-los diante de infinitas possibilidades sonoras, técnicas e estéticas da música atual?

Parte da resposta depende, naturalmente, do perfil do estudante de composição e, principalmente, da definição clara de seus interesses individuais que estabelecerão os limites e o framework de seus trabalhos. Neste momento passamos para o segundo ponto de nossas preocupações.

Perfil dos alunos

Nossa experiência como professor de composição mostra que o perfil dos alunos é heterogêneo e que a grande maioria ingressa no curso sem a formação básica mínima que deveria ser exigida para iniciar o curso de graduação em composição. Em termos específicos de composição musical, temos três tipos de alunos, aqui denominados, provisoriamente de: "indefinidos", "aparentemente definidos" e "definidos".

1º "Indefinidos": não sabem por que estão estudando composição e muito menos que música pretendem escrever.

Características:

- formação musical básica insuficiente desinformados
- não são instrumentistas (ineficientes)
- não possuem experiência em performance
- não conhecem o repertório de música tradicional
- não conhecem o repertório de música do Século XX
- conhecem, superficialmente, alguns estilos e gêneros de música popular
- não costumam frequentar concertos

2º Aparentemente definidos

Características:

- formação musical básica insuficiente
- possuem pouquíssima informação musical
- são instrumentistas medianos
- têm pouquíssima experiência em performance
- alguns tocam em grupos de música popular
- conhecem pouquíssimo o repertório tradicional
- conhecem pouquíssimo o repertório do Século XX
- conhecem razoavelmente alguns gêneros de música popular
- freqüentam concertos esporadicamente

3º Definidos

Características:

- formação musical básica adequada para o ingresso na graduação
- são instrumentistas em nível satisfatório
- possuem experiência em performance
- conhecem satisfatoriamente o repertório de música tradicional
- conhecem satisfatoriamente o repertório de música do Século XX
- conhecem e praticam alguns estilos e gêneros de música popular
- freqüentam concertos regularmente

Os alunos do primeiro e segundo grupos têm dificuldades de produzir e tomar

iniciativas próprias, até mesmo para definir a instrumentação de um simples exercício de composição. As dificuldades são maiores para os alunos do 1º grupo. Estes não convivem e não interagem com instrumentistas e performers em geral. Na verdade, não participam da vida musical da escola e da comunidade. Normalmente, justificam sua falta de produtividade e participação com problemas pessoais, fazendo com que o professor de composição assuma, por vezes, funções e responsabilidades semelhantes à de um terapeuta.

Esta realidade, que envolve falta de formação e informação básica, consciência histórica, e principalmente, a falta de atitude profissional por parte dos alunos, é incoerente com as oportunidades criativas que a música de hoje oferece aos compositores e com as exigências do restrito mercado de trabalho.

Possíveis soluções para esse problema:

1º Criação de cursos de extensão, visando à preparação para o bacharelado, podendo incluir cursos fundamentais de instrumento, contraponto, harmonia, tecnologia aplicada à música (MIDI), história, e até mesmo os fundamentos da composição.

2º Prova específica mais exigente para o vestibular, principalmente em relação à habilidade do candidato como instrumentista. O compositor ou candidato a compositor precisa antes de mais nada ser músico.

Os alunos do terceiro grupo, aqui denominados provisoriamente de "definidos", têm iniciativas próprias e realizam pequenos trabalhos de composição e improvisação musical, antes de iniciar o curso de bacharelado.

Mesmo que singelos e falhos, sob o ponto de vista técnico, essas tentativas preliminares são importantes, pois revelam as tendências individuais que poderão servir de ponto de partida para o estudo formal que se inicia. Aqui, o desafio do professor reside na capacidade e responsabilidade de avaliar e orientar alunos de acordo com seus interesses individuais, que, na maioria dos casos, não coincidem com a linha de composição do orientador. O professor deixa de ser o mentor intelectual que indica os caminhos e doutrinas ideológicas; sua função, hoje, é ajudar a abrir os caminhos escolhidos individualmente pelo aluno.

Currículo e diretrizes dos cursos de composição

Com relação ao currículo do bacharelado em composição, o primeiro ponto que questionamos é a duração do curso, que é de seis anos. Esse período foi estabelecido pelo MEC na época em que o aluno cursava composição e regência como um único curso. Hoje, com a divisão em dois cursos distintos, um de composição e outro de regência, não mais se justifica a duração de seis anos para a conclusão de bacharelado em composição. Devemos também considerar que a realidade atual é outra, e que a formação acadêmica do compositor não encerra na graduação. Ele ainda tem pela frente o mestrado e o doutorado, que lhe estão sendo oferecidos por algumas de nossas universidades. Acreditamos que a duração do programa de bacharelado em composição poderá ser reduzida de seis para quatro anos, equiparando-se a todos os demais cursos de graduação em música.

O segundo ponto refere-se diretamente às disciplinas e à carga horária. Nossos programas de composição foram oficializados tendo como referência a música até o

século XIX e, provavelmente o Conservatório de Paris, em que grande parte da formação do compositor se dava através de, no mínimo, seis semestres de harmonia tonal e seis semestres de contraponto.

Hoje não se justifica exigir do aluno a capacidade de imitar com maestria os mestre do passado. O aluno precisa aprender muito mais do que harmonia tonal e contraponto renascentista e barroco. O estudante pode e deve aprender muito mais em menor tempo. Acreditamos num currículo em constante atualização que contemple de forma equilibrada a common practice dos séculos passados e os sistemas e técnicas praticados no século XX, incluindo disciplinas ligadas a culturas musicais não-européias e, naturalmente, às novas tecnologias.

O curso de composição em quatro anos, com um currículo em constante atualização exige, alunos mais bem preparados. Assim, conforme sugerimos anteriormente, precisamos oferecer cursos de extensão, como temos na área de instrumentos, que preparem os alunos para o melhor aproveitamento do bacharelado, condizente com as multiplas opções da música contemporânea.

Conclusão

Considerando o ecletismo, o individualismo, a fragmentação e as multiplas possibilidades sonoras da música atual, o ensino de composição deve estar, predominantemente desvinculado do posicionamento estético do professor. Assim, o professor não mais exerce o papel de mentor intelectual e doutrinador de ideologias e estéticas específicas. Sua função é, portanto, orientar conforme os interesses e




definições individuais de cada aluno. Consideramos esta uma das mais complexas e, eticamente, exigentes tarefas de nossa atividade, visto que somos forçados a superar nossos preconceitos referentes aos valores e "desvalores" de uma composição musical. Certamente, sob o ponto de vista ético, sabemos muito bem o que não fazer, mas muitas vezes não sabemos o que fazer.

Sugerimos, com base em nossa experiência, que as particularidades e fragmentações relativas aos problemas de composição sejam abordadas não somente através de orientações individuais, mas também em fóruns em que os trabalhos são analisados e discutidos coletivamente pelo corpo docente e discente.

Para encerrar, ouviremos dois exemplos de trabalhos de nossos alunos de graduação que fazem parte do grupo Ex-Machina. Esse grupo é formado por seis alunos do Departamento de Música da UFRGS. Vamos ouvir duas faixas do CD lançado em 1998 com o suporte do Fumproarte da Secretaria Municipal da Cultura de Porto Alegre.

- Alexandre Birnfeld Trio para Violino, Violoncelo e Piano
- Luciano Zanatta Dez Anos - Tudo errado, tudo feio, tudo torto para sax alto, acordeom, bandolim, xilofone e violoncelo.

Guia para continuar

-  **Programação da ANPPOM 1999**
-  **Informação dos Participantes**
-  **Saída dos Anais da ANPPOM**